

## Trajetórias de Pesquisador: Entre (des) caminhos da construção científica

Francisco de Assis Marinho Morais\*

Francisco Emerson de Medeiros \*\*

Gessione Morais da Silva \*\*\*

Raimundo Dias da Silva\*\*\*\*

Prof. Dr. Cícero Nilton Moreira \*\*\*\*\*

\* *Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/CAMEAM). Coordenador Pedagógico da Secretaria de Educação e Cultura de Apodi – RN. Diretor da Escola Estadual Sebastião Gomes de Oliveira, Melancias, Apodi – RN. Pesquisador na área de Educação do Campo, público ao qual trabalha desde 1996. E-mail: [cizinhomparn@hotmail.com](mailto:cizinhomparn@hotmail.com)*

\*\* *Graduando Pedagogia 7º período, Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar (FACEP) Polo APODI RN. E-mail: [emersonmedeiros01@hotmail.com](mailto:emersonmedeiros01@hotmail.com)*

\*\*\* *Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/CAMEAM). Coordenadora Pedagógica da Secretaria de Educação e Cultura de Apodi – RN e professora da rede estadual, na Escola Zenilda Gama, Apodi – RN. E-mail: [gessione\\_morais@hotmail.com](mailto:gessione_morais@hotmail.com)*

\*\*\*\* *Graduando Pedagogia 7º período, Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar (FACEP) Polo APODI RN. E-mail: [raimundodias05@outlook.com](mailto:raimundodias05@outlook.com)*

\*\*\*\*\* *UERN/Pau dos Ferros, Formação: Doutorado em Geografia. Área de Concentração: Educação Básica  
Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências Humanas e Sociais.  
E-mail: [ciceronilton@uern.br](mailto:ciceronilton@uern.br) < [ciceronilton@yahoo.com.br](mailto:ciceronilton@yahoo.com.br)*

### RESUMO

O percurso de pesquisador até chegar ao produto pesquisado e objetivado, com resultados significativos, não tem sido tarefa simples. Ler, pesquisar, planejar, desistir de certas metodologias, retomar outras fora dos planos iniciais, tem sido, passos fundamentais para se buscar o caminho correto. É tarefa do mesmo, percorrer e construir o caminho para que os resultados sejam confiáveis, bem como, a veracidade da pesquisa seja passada pelo crivo da confiança na comunidade científica e acadêmica. Nesse sentido, objetivamos através deste, tecer alguns passos dessa caminhada, especialmente do nosso percurso teórico metodológico da pesquisa, que ora almejo para a conclusão da dissertação do mestrado. Aportamos aos escritos de: Japiassu (2012), Minayo (1994, 2002), Ludke e André (1986), Franco e Ghedin (2008), Demo e Thiollent (2011) entre outros, que surgem na dinâmica da construção que não é estática, mas acompanha a dialeticidade da construção dos conhecimentos em educação e em ensino, especificamente referente às ciências humanas. Buscamos traçar os passos, descrever a natureza da pesquisa, destacar os instrumentos da pesquisa para a coleta e análise dos dados, dando consistência à mesma. Na construção da pesquisa, não adotamos a postura de detentores da verdade, nem almejamos trazer em seu bojo, um produto pronto e acabado. Entretanto, na dinamicidade das pesquisas, principalmente nas áreas das ciências humanas e sociais, em que o objeto de pesquisa, o ser humano, por sua intersubjetividade, pode deixar ares de desconfiança na comunidade científica, tentamos definir os passos da nossa pesquisa, porém, com a ideia de estarmos aptos às críticas, sugestões, inferências, entre outros elementos construtivos, por quem deste tiver oportunidade de leitura. Esperamos trazer reflexões, discussões para uma construção viável, em que buscamos experiências de professores

que estudaram no ensino multianos em escolas do campo, e atualmente tem conseguido êxito em sua trajetória de estudos, ingressando em Pós-graduação *Stricto Sensu*, Mestrado e Doutorado. Não pretendemos enaltecer, defender ferrenhamente, o ensino multisseriado (multianos), porém destacar que apesar de mal visto no meio educacional, é passível de resultados e trajetórias significativas.

**Palavras-Chaves:** Pesquisador. Metodologias. Percurso. Ensino Multianos. Resultados.

## 1 Introdução

Perfazer a trajetória, todo percurso de qualquer caminhada que seja, exige muita leitura, dispêndios de tempo, recursos, esforços e um trabalho árduo para que se chegue ao produto desejado, e com boa qualidade. Entretanto, no que se refere ao meio acadêmico, o rigor torna-se fundamental e mais contundente possível, haja vista, as publicações e edições de produções necessitam de rigorosidade metódica e científica, para que de fato tenha o reconhecimento das academias e outras instituições que acompanham de perto essa produção.

Do contrário, perpassamos aos conflitos da desconfiança e da incredulidade, como destaca Japiassu (2012)<sup>1</sup>, onde principalmente nas ciências humanas e sociais tem sofrido, ao longo do tempo, no meio acadêmico. Como uma ciência de ordem inexata, que conta com a subjetividade e intersubjetividade na análise dos fatos, trazem ao mundo da produção científica certos ares de desconfiança em seus resultados. Entretanto, é mister salientar que por si só, o objeto de estudo dessas ciências, o ser humano, é uma incógnita. Conta com indefinições as mais diversas possíveis, apresenta histórico de subjetividades desde a sua formação enquanto indivíduo, até as suas ações e atitudes ora disseminadas no meio social onde vive. Os passos para a efetivação dessas pesquisas em Ciências humanas, também apresentam certas desconfianças do mundo acadêmico, devido os métodos diversificados, às metodologias aplicadas, às incertezas do pensar e agir humanos, destacados em suas sub e intersubjetividades.

Diante dessa problemática, há de se relativizar os resultados que, embora perpassa no crivo da desconfiança, apresentam fundamentos teórico-metodológicos embasados em autores que teorizam incansavelmente a temática. Entre eles, nos valem de: Japiassu (2012), Minayo (1994, 2002), Ludke e André (1986), Franco e Ghedin (2008), Demo e Thiollent (2011), Chizotti (2008), Trivinos (1987), entre outros, que irão surgindo na dinâmica da construção que não é estática, porém, acompanha a dialeticidade da construção dos conhecimentos em educação, especificamente referente às ciências humanas.

---

<sup>1</sup> Buscar o texto na íntegra de Hilton Japiassu, A crise das ciências humanas, Cortez Editora, 2012. O mesmo aborda de forma dinâmica e didática o processo histórico das ciências humanas, perfazendo as diversas fases ocorridas em âmbito acadêmico, refletindo no mundo das ciências humanas e sociais.

Perfazendo todo arcabouço teórico, onde adentramos em diversas fases na pesquisa, vemos que esse artigo justifica-se da necessidade suscitada na Disciplina Tópicos Avançados no Ensino, onde faremos um percurso teórico metodológico da pesquisa e de pesquisador que ora estamos nos formando. Objetivamos descrever na íntegra o percurso teórico metodológico da nossa pesquisa calcada no anteprojeto aos quais defendemos no processo de ingresso na Pós-graduação (mestrado), bem como os passos que serão dados para a pesquisa e produção da dissertação.

Assim, podemos retratar os passos, as abordagens, as dificuldades, dúvidas, anseios e angústias geradas no arcabouço teórico metodológico de todo e qualquer pesquisador, que ora se desafia a pesquisar. Vemos essa tarefa, não como uma tortura, um ato sofrido, mas como momentos de aprofundamento, de busca incessante, de análises textuais, de criticidade, de crescimento e amadurecimento intelectual que, contudo, exige rigor do perfil dos pesquisadores acadêmicos, que ora se delegam para essa função, para que de fato, os resultados colhidos tenham validade e credibilidade, contrariando quem pensa negativamente o nosso papel enquanto pesquisador na área de Ciências Humanas e Sociais.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 O trajeto para a pesquisa**

Para a realização da pesquisa, sabemos que a metodologia é fundamental, desde que bem consolidada e teorizada, porém, exige muito cuidado do investigador, pois, conforme Minayo (2002, p. 42-43) é “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as opções e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico”. Entretanto, para que não se perca o registro de dados essenciais à pesquisa, ainda de acordo com Minayo (1994, p. 25), destaca-se a importância do uso do diário de campo. Esse diário, segundo a autora, “é um instrumento ao qual podemos recorrer em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando” (MINAYO, 2002, p. 63). Nele, diariamente, são colocadas as percepções, as angústias, os questionamentos e as informações que não são obtidos com as entrevistas semiestruturadas. Servirá então como fonte enriquecedora da pesquisa onde através do mesmo, as críticas, sugestões, questões ocultas, ou até então, não esclarecidas na pesquisa, poderão ser sinais da construção e reconstrução das atividades inerentes à pesquisa.

Desse modo, levando em consideração o foco da pesquisa, seguindo as “Trajetórias de sucesso escolar de pessoas oriundas de escolas do campo” na qual teremos os pesquisados escolhidos, não como objeto da pesquisa, mas, como coautores, colaboradores da nossa pesquisa (TARDIF, 2002), onde estamos em consonância, nessa construção. Para Tardif (2002, p. 35) sua proposta é que “a pesquisa universitária pare de ver os professores de profissão como objetos de pesquisa e que passem a ser considerados como sujeitos do conhecimento, como colaboradores, como co-pesquisadores”. Esses saberes e fazeres pesquisados serão explicitados nas observações, diálogos e principalmente na sensibilização dos professores, e momentos de conversas com os mesmos. Será de fundamental relevância fazer uso da pesquisa empírica de natureza qualitativa, por nos permitir um contato mais próximo da realidade e vivências dos sujeitos pesquisados. De acordo com Silva & Menezes (2005)

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (p. 20).

Entretanto, é válido destacar que obteremos dados objetivos detalhados nas falas dos entrevistados, bem como dos subjetivos detectados nos encontros, nas observações, nas entrelinhas dessas falas dos colaboradores da pesquisa que ora projetamos. De acordo com (GHEDIN, FRANCO, 2008, p. 65)

Quem trabalha com pesquisa qualitativa sabe que, na busca dos conteúdos implícitos, dos valores encobertos que pautam os sentidos do cotidiano, há necessidade de profundas descrições, de interpretações; os discursos precisam ser codificados, as falas, organizadas em unidades de significados, pesquisador e pesquisados fundem-se e criam proximidade que pode promover a intersubjetividade, os papéis alternam-se, as personagens dialogam, novas percepções agregam-se a sentidos antigos, cada fato novo precisa de muitos olhares.

Com o aporte teórico estudado, debate suscitado, questões levantadas a serem pesquisada, estruturação da pesquisa, partirá então para a sua efetivação na prática, abordando o que Minayo (1994, p. 26) denomina “trabalho de campo”. Para ela: “Esta etapa combina entrevistas, observações, levantamento de material documental,

bibliográfico, instrucional, etc. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias” (idem, p. 26). De acordo com Boni e Quaresma (2005, p. 70)

[...] o ponto de partida de uma investigação científica deve basear-se em um levantamento de dados. Para esse levantamento é necessário, num primeiro momento, que se faça uma pesquisa bibliográfica. Num segundo momento, o pesquisador deve realizar uma observação dos fatos ou fenômenos para que ele obtenha maiores informações e num terceiro momento, o pesquisador deve fazer contatos com pessoas que possam fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis.

As técnicas a serem utilizadas para pesquisa, no que diz respeito aos aspectos instrumentais, serão: entrevista semiestruturada, uma vez que não impede o surgimento de novos questionamentos, dando também abertura às questões não contempladas no roteiro, e que surgem ao longo da entrevista. Segundo Ludke e André (1986, p. 34), “a entrevista semiestruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessidades adaptações”.

Nessa entrevista, faremos um esboço das questões previamente estabelecidas focando o objeto da pesquisa, como esses entrevistados conseguiram avançar nos estudos, tendo carreira de sucesso, apesar dos percalços da caminhada. Entretanto, no desenvolvimento da mesma, poderá ocorrer uma diversidade de situações e/ou outras questões que não foram elaboradas previamente, mas que estão passíveis de serem questionadas, visando enriquecê-la. É válido parafrasear ainda os posicionamentos dos autores quanto à entrevista:

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. (BONI e QUARESMA, 2005, p. 72)

Iniciamos abordando a fase exploratória pretendemos buscar informações sobre o tema em estudo e ampliarmos os conhecimentos em relação ao problema em questão. Nesse sentido, parafraseando Minayo (2002):

A fase exploratória de uma pesquisa termina quando o pesquisador define seu objeto de pesquisa, constrói seu marco teórico conceitual, define os instrumentos de coleta de dados, escolhe o espaço e o grupo de pesquisa, define a amostragem e estabelece estratégias para entrada em campo (p. 25)

Essa fase é de “tempo dedicado a interrogar-nos preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo” (MINAYO, 1994, p. 26). Nesse momento, organizamos os passos da pesquisa, a elaboração das entrevistas, como estas se darão, o planejamento da chamada pública feita via redes sociais, convocando os entrevistados para ser voluntário na temática pesquisada, além de organizarmos todo material de coleta dos dados nas entrevistas, como gravador, termo de consentimento do entrevistado, estudo da minuta do conselho de ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais, entre outros.

Nesse ínterim, de organização da pesquisa perpassando na fase exploratória construímos as questões abertas a serem realizadas na entrevista semiestruturada. Após a sensibilização e fase de busca dos entrevistados partimos para as entrevistas. Porém, a primeira entrevista será realizada em forma de pré teste com um (a) entrevistado (a) para que possamos analisar inicialmente como se dará todo o percurso da pesquisa, tomando-o como ponto de partida para a efetivação da pesquisa propriamente dita. Esse momento servirá para análises, dúvidas, sugestões, acréscimos de perguntas e/ou supressões das consideradas perguntas desnecessárias, enfim, será uma fase fundamental de iniciação da pesquisa, para a partir de então termos propriedade para seguir adiante nas entrevistas, totalizando 10 (dez) entrevistas aos quais colheremos os devidos resultados a serem dissertados.

A técnica que utilizamos para pesquisa no que diz respeito aos aspectos instrumentais, é a entrevista semiestruturada, uma vez que não impede o surgimento de novos questionamentos ao longo da entrevista, dando também abertura as questões não contempladas no roteiro inicial. Segundo Ludke e André (1986, p. 34), “a entrevista semiestruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessidades adaptações”. É válido destacar que a técnica da entrevista buscará os conteúdos implícitos e os valores encobertos que pautam os sentidos do cotidiano que merecem a devida descrição. Nessa técnica “pesquisador e pesquisados fundem-se e criam proximidade que pode promover a intersubjetividade, os papéis alternam-se, as personagens dialogam, novas percepções agregam-se a sentidos antigos, cada fato novo precisa de muitos olhares”. (GHEDIN, FRANCO, 2008, p. 65).

Para entrevista, construímos um esboço das questões previamente estabelecidas, focando nas seguintes categorias de análise: trajetórias, sucesso escolar, identidade com o campo, ensino multianos, relações saber e ensino, motivações e anseios, entre outros que surgirem na dinamicidade da pesquisa. Temos, outrossim, as questões de natureza objetiva as quais traçam o perfil do pesquisado, bem como, questões abertas, para buscarmos as informações que ora almejamos na pesquisa propriamente dita. Entretanto, no desenvolvimento da mesma, pode ocorrer uma diversidade de situações e/ou outras questões que não foram elaboradas previamente, mas que estão passíveis de ser questionadas visando enriquecer a pesquisa, inclusive essa é uma das vantagens da pesquisa semiestruturada segundo os teóricos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Vida de pesquisador não é fácil. Debruçar-se sobre uma infinidade de textos, ler, reler, selecionar, refutar, averiguar, selecionar, buscar, são alguns passos que o pesquisador percorre ao obter como meta um trabalho feito com qualidade, e que demonstre veracidade e confiança dos seus avaliadores e possíveis leitores que terão contato com o mesmo. Em uma linguagem simples, compreensível, porém, que não perca de vista a rigorosidade acadêmica exigida pelas universidades e/ou centros de pesquisa.

É mister salientar, que pela natureza da pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais, abordamos atividades diversificadas, às quais perpassam o caminho da interdisciplinaridade, apontados por Fazenda (2008, 2010), Japiassu (2012), como a alternativa viável para a consolidação do conhecimento em sua totalidade, em sua dinamicidade, contrapondo-se ao paradigma da fragmentação, da subdivisão das disciplinas em “caixinhas do conhecimento”, historicamente trabalhado na formação acadêmica e reflete diretamente em nossas escolas.

Para Fazenda “[...] implica, portanto, em aprendizagem de nova atitude perante o processo de conhecimento” (2008, p. 14), e destaca mais adiante que “[...] percebo, na disponibilidade, na abertura para si, para o outro e para o meio, na vivência de um espírito investigador e na procura por um saber fazer, a atitude interdisciplinar como busca de alternativas para conhecer mais e melhor, como procura do saber fazer e viver” (idem, 2008, p. 15). Esta, ainda acrescenta que “[...] A aquisição de uma atitude interdisciplinar evidencia-se não apenas na forma como ela é exercida, mas na intensidade

das buscas que empreendemos enquanto nos formamos, nas dúvidas que adquirimos e na contribuição delas para nosso projeto de existência” (idem). De acordo com Fazenda (2010, p. 8).

Na pesquisa interdisciplinar, a descoberta de si mesmo, do mais interior do que somos conduz-nos à explicitação do como nos representamos. Nesse caminho de interiorização o objetivo do pesquisador é a busca de uma nova forma de conhecimento. É caminho no qual, em certo momento, o pesquisador passa a tomar contato com seu universo imagético. Nele descobre algumas mandalas, as que a ele são mais próximas, passando, então, a descrevê-las.

Nessa perspectiva, pretendemos abordar a pesquisa para que a visão global do conhecimento chegue aos que desta tiverem acesso. Não temos outrossim, o intuito de priorizar determinada atividade e/ou tipo de conhecimento, mas, trazer à tona a sua dinamicidade e construção de forma interdisciplinar.

Os autores contemporâneos Japiassu (2012), Morin (2009), somente para elencar alguns, destacam a importância de trabalhar o conhecimento global, completo, significativo, partindo do local para o global, abarcando a sua totalidade. A perspectiva do esfacelamento do conhecimento, da fragmentação, da incompletude, segundo os escritos dos autores, tem trazido enormes prejuízos às pesquisas em ciências humanas e sociais, bem como a desconfiança por parte de muitos pesquisadores e das universidades. Esses vieses são responsáveis por trazer uma imagem negativa às pesquisas em ciências humanas ao longo das décadas, aos quais os autores acima propõem, como alternativa, a abordagem interdisciplinar das pesquisas nessa área.

Para Japiassu, “no plano teórico, não mais se admite a existência de um modelo único e hegemônico podendo explicar o real. No uso dos métodos, adota-se uma atitude de prudência diante da diversidade das abordagens” (2012, p. 151). Para Bourdieu, (apud, JAPIASSU, 2012, p. 155) “a doxa neoliberal tomou todo o lugar deixado vazio e a crítica se refugiou no pequeno mundo acadêmico onde se encanta consigo mesma, [...] todo o pensamento crítico precisa ser reconstruído”. Assim, em estudos aplicados pelo historiador François Dosse, vislumbra um novo pensamento político para a aplicação das pesquisas em ciências Humanas.

Além de propor uma análise sistemática das diversas ‘pesquisas de ponta’, mostram-nos ainda que os trabalhos produzidos nos últimos anos já nos permite vislumbrar a instauração de um novo paradigma para essas disciplinas. [...] Trata-se, no fundo, de uma abordagem constituindo o sinal promissor, não só de uma revitalização e re-humanização das ciências humanas, mas de

uma renovação no pensamento político. Para alcançar tal objetivo, nosso autor postula a adoção de uma transdisciplinaridade fundada na pesquisa do sentido e do agir humano em todas as suas dimensões a fim de que sejam respondidas as interpelações urgentes de nossa atualidade (JAPIASSU, 2012, p. 158-159).

Portanto, para a efetivação da pesquisa, abordamos uma diversidade de saberes, conhecimentos, discussões que perpassam as diversas áreas do conhecimento, norteando assim o trabalho numa perspectiva interdisciplinar. Obtemos nosso conhecimento, grosso modo, não somente numa única fonte, mas na variedade interdisciplinar do conhecimento apresentado no corpo das disciplinas, que ora estudamos e pesquisamos, enquanto buscamos a autonomia intelectual.

#### **4 Considerações finais**

Ao percorrermos a trajetória dos passos teórico-metodológicos dessa pesquisa, percebemos a validade para nossa maturidade enquanto profissional que prima pelo hábito constante da pesquisa, da ação, da reflexão, da busca incessante do saber enquanto profissionais do ensino que somos. A cada passo executado o nosso conhecimento se renova, a cada texto aprofundado nossas reflexões e maturidade aumenta, a cada momento executado da metodologia ganhamos atitudes de confiança, firmeza e coerência enquanto pesquisador.

Apesar da trajetória ser rigorosa, depende de esforços para que seja bem feita. O bom pesquisador é aquele que a todo instante compreende que a busca de novos elementos que se dispõem a pesquisa em curso, são passíveis de reflexões, alterações, ajustes, desde que, ao final, tenhamos um produto de qualidade e que passe confiança aos leitores e comunidade acadêmica, para que se credencie o pesquisador, com um futuro promissor nas universidades, tanto no que se refere às pesquisas, bem como no que tange à sua prática cotidiana, enquanto profissional no ensino.

Entretanto, ao concluirmos esta pesquisa que ora elaboramos, teorizamos e produzimos na prática, pretendemos não engavetá-la, tratar como objeto de conquista de título, apenas. Porém, nosso intuito é propagar os resultados do percurso nos meios educacionais, tornar público os desafios, as dificuldades, as trajetórias, validando tais práticas para o avanço no ensino. Dentre eles, no ensino multianos do campo, despertando nos pesquisadores a verificação da trajetória de alunos que obtiveram sucesso escolar, mesmo

advindo de escolas com o ensino multianos no início de sua escolaridade.

Sabemos da incompletude dos resultados em sua totalidade, haja vista, há uma gama de informações, conhecimentos e saberes que despontam a cada momento vivido, a cada pesquisa feita, ora suscitando a busca de novas investigações. Nesse ínterim, a partir desta pesquisa que apresentamos as pessoas de sucesso advindas de escolas do campo, possamos em pesquisas posteriores, analisar como se dá o ensino multianos no campo de forma criteriosa e minuciosa, em sua metodologia, conteúdos, avaliação, entre outros aspectos trabalhados nas escolas. Como constrói-se a identidade dos profissionais do ensino a partir dos relatos de sua trajetória de vida, pode também trazer elementos para futuros pesquisadores. E ainda, como as escolas multianos do campo, resistem e persistem ao longo dos anos no campo, apesar dos desafios, da política de fechamento das escolas, da política de nucleação, da falta de infraestrutura física e material, entre outros problemas detectados cotidianamente nessa realidade escolar. Esses, são algumas temáticas suscitadas a partir desta, que possa interessar futuros pesquisadores a debruçar-se na pesquisa.

Nesse sentido, preconizamos sensibilizar os professores que também atuam com essa realidade a utilizar na prática de ensino multianos, estes embasados nas propostas de Educação do Campo, provocando a reflexão, discussão, formação e busca incessante dos conhecimentos necessários, para que o ensino realmente se efetive na prática, não fique somente nos discursos ou nas legislações oficiais. Nossa intenção não é abarcar todo conhecimento dispendido para validar e/ou defender esse tipo de ensino nas escolas, porém, destacar como alguns professores conseguem atuar de forma eficiente lidando com essa realidade.

Esperamos de certa forma ter contribuído com os aspectos concernentes à pesquisa e ao pesquisador em sua formação que ora não apresenta estática, mas num *continuum*, num movimento de idas e vindas, numa trajetória que ora não cessa, mas está em constante movimento. Podemos compará-la a uma trajetória, cheia de obstáculos, desafios, caminhos variados a serem seguidos, difíceis, porém não impossíveis de se chegar ao destino final. Podemos dizer, caminhada longa e difícil de ser trilhada, mas com dispêndio de esforços, força de vontade, disciplina, rigurosidade metódica, entre outros elementos, possível de ser executada, sendo ao final, validada e com ares de confiabilidade no âmbito educacional.

#### **4 Referências**

BONI, V. QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências

Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. vol. 2 nº 1, pp. 68-80, jan.- jul./2005.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FAZENDA, I. C. A. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 2010.

GHEDIN, E., FRANCO, M. A. S., **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos/coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

JAPIASSU, H., **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, J. C., **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**, Temas básicos de Educação e Ensino. São Paulo: Epu, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. Ed. São Paulo: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério**. In: CANDAU. Vera Maria (Org.) X ENDIPE, Didática, Currículo e Saberes Escolares. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 200p.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.  
lo, SP Martins Fontes, 2004.